

FOTOS: ISTOCK



SITUAÇÃO INTERNACIONAL X ECONOMIA BRASILEIRA

Por: **RAPHAEL GALANTE**

A economia brasileira entra em 2025–2026 diante de um ambiente internacional marcado por incertezas, tensões geopolíticas e mudanças estruturais no comércio global. Embora o país apresente fundamentos internos relativamente sólidos — como mercado de trabalho resiliente e consumo ainda aquecido — o cenário externo impõe riscos significativos que podem limitar o crescimento, pressionar preços e afetar decisões de investimento. A seguir, analisamos os principais vetores de risco internacional que podem impactar o Brasil.

1. O TARIFAÇO GLOBAL E O NOVO NORMAL II DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Destacamos que estamos entrando em um “Novo Normal II”, no qual as relações comerciais entre Estados Unidos e China — as duas maiores economias do mundo — passam por uma reconfiguração profunda. As sobretaxas impostas pelos EUA, mesmo com trégua temporária, continuam alterando cadeias produtivas e gerando incerteza.

- O impacto para o Brasil é direto:
- Pressão competitiva interna: produtos chineses mais baratos tendem a inundar mercados emergentes, inclusive o brasileiro, pressionando a indústria local.
- Cautela empresarial: empresas adiam investimentos

diante da instabilidade global.

- Volatilidade cambial: o dólar reage a cada sinal de escalada comercial, afetando custos de importação e preços internos.

O principal ponto é que as empresas estão em compasso de espera, adiam investimentos, e o marketing passa a ser chave. Em outras palavras, o ambiente externo reduz previsibilidade e exige maior capacidade de adaptação das empresas brasileiras.

2. POLÍTICA ECONÔMICA DOS ESTADOS UNIDOS: INCERTEZA E VOLATILIDADE

A economia americana segue resiliente, mas sob forte influência das decisões políticas do governo Trump:

- O Federal Reserve tende a manter juros elevados por mais tempo.
- As tarifas comerciais ainda não tiveram seus efeitos totalmente mensurados.
- As agências Moody's, Fitch e S&P rebaixaram a nota de crédito dos EUA.

Esse conjunto de fatores aumenta a aversão ao risco global e provoca fuga de capitais de países emergentes — como o Brasil — pressionando o câmbio. Segundo relatório Focus (do BACEN) a taxa de câmbio deve continuar apresentando volatilidade, podendo encerrar 2026 em torno de R\$ 5,50, segundo algumas consultorias que participam do relatório.

Para o Brasil, isso significa:

- Inflação mais alta, especialmente em combustíveis e insumos importados.
- Custo de capital elevado, já que o Banco Central precisa manter juros altos para conter a desvalorização.
- Risco de desaceleração econômica, pois crédito e investimento ficam mais caros.

3. CHINA: DESACELERAÇÃO E MUDANÇA DE ESTRATÉGIA

A China, principal parceiro comercial do Brasil, enfrenta desafios relevantes:

- Crescimento projetado de 4% em 2026, abaixo da média histórica.
- Impactos das tarifas americanas sobre suas exportações.
- Necessidade de estímulos fiscais e monetários para sustentar a atividade.

A China está diversificando mercados e ampliando acordos bilaterais — inclusive com o Brasil. Porém, a desaceleração chinesa traz riscos:

- Menor demanda por commodities brasileiras, especialmente minério e soja.
- Pressão sobre preços internacionais, afetando a balança comercial.
- Aumento da concorrência interna, com produtos chineses mais baratos entrando no país.

A combinação de desaceleração e agressividade comercial chinesa cria um ambiente desafiador para a indústria brasileira.

4. EUROPA: CRESCIMENTO FRACO E TENSÕES GEOPOLÍTICAS

A zona do euro segue com crescimento anêmico:

- Projeção de 0,8% para 2026.
- Inflação convergindo lentamente para a meta.
- BCE promovendo cortes graduais de juros.

Embora o impacto direto sobre o Brasil seja menor que o de EUA e China, a Europa influencia:

- Fluxos de capitais globais, afetando o câmbio.
- Demanda por produtos industrializados, especialmente do setor automotivo.
- Cadeias de suprimentos, já fragilizadas desde a pandemia.

Um crescimento europeu mais fraco reduz oportunidades de exportação e limita a diversificação de mercados brasileiros.

5. ARGENTINA E AMÉRICA DO SUL: INSTABILIDADE E OPORTUNIDADES COM RISCOS

A Argentina vive um momento de ajustes profundos:

- Inflação em queda, mas pobreza elevada.
- Consumo interno retraído.
- Dólar flutuando de forma mais estável.
- Acordo recente com o FMI reforçando reservas.

Apesar da instabilidade, o Brasil é visto como porto seguro por empresas argentinas — o comércio bilateral cresceu 34% em 2025. Porém, os riscos permanecem:

- Possível deterioração social pode afetar a demanda.
- Volatilidade política pode gerar rupturas.
- Dependência de exportações brasileiras de manufaturados.

Já Chile, Peru e Colômbia apresentam crescimento consistente e atraem investimentos asiáticos, mas exigem análise microeconômica detalhada. Para o Brasil, o risco está na perda de competitividade regional caso não avance em reformas e produtividade.

6. RISCOS SISTÊMICOS: O FIO CONDUTOR GLOBAL

Por fim, existe diversos riscos que se conectam e amplificam seus efeitos sobre o Brasil:

- Câmbio volátil devido a incertezas externas.
- Inflação pressionada por dólar forte e choques climáticos.
- Juros elevados por mais tempo, restringindo crédito e investimento.
- Queda da confiança empresarial e do consumidor, tanto no Brasil quanto no exterior.
- Reconfiguração das cadeias globais, exigindo adaptação rápida das empresas.

É inequívoco que existe uma grande circulação de recursos. E todos querem uma fatia desse dinheiro circulante!

UM MUNDO MAIS COMPETITIVO E MENOS PREVISÍVEL

A situação internacional apresenta riscos claros para a economia brasileira, que vão desde volatilidade cambial até pressões competitivas e desaceleração global. O Brasil não está isolado — e, em um mundo de tarifas, tensões geopolíticas e juros elevados, a capacidade de adaptação será determinante. ■

Raphael Galante é colunista, consultor, economista e palestrante, atuando há mais de 20 anos no setor automotivo.

As colunas mantidas pela ABRADIT NEWS têm por objetivo trazer diferentes pontos de vista e informações aos executivos da Rede. As opiniões são de responsabilidade dos articulistas, não refletindo necessariamente o posicionamento da Associação ou da Rede Toyota do Brasil.

17 ANOS DA FUNDAÇÃO TOYOTA DO BRASIL: O LEGADO NOS CONVIDA PARA O FUTURO A PARTIR DA DESCARBONIZAÇÃO

POR: **ROBERTO BRAUN, PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO TOYOTA DO BRASIL**

DAo celebrarmos os 17 anos da Fundação Toyota do Brasil, a maturidade nos impõe uma reflexão que vai além das conquistas passadas. Chegamos a este marco não apenas para olhar pelo retrovisor, mas para ajustar nossa rota em direção ao maior desafio da nossa geração: a crise climática. A partir da nossa participação na COP30, entramos em uma nova e decisiva frente de atuação focada na neutralidade de carbono.

Historicamente, nossa caminhada foi pautada pela preservação e restauração de diferentes biomas brasileiros, investindo em projetos de impacto com foco no Pantanal, na Mata Atlântica e na Amazônia. E, mais recentemente, ao lado de instituições parceiras, também estamos acelerando a inclusão produtiva de jovens em situação de vulnerabilidade social.

No final de 2025, inclusive, assinamos o nosso compromisso com o Pacto Nacional pela Inclusão Produtiva das Juventudes, uma iniciativa do UNICEF que visa conectar a juventude brasileira a oportunidades de trabalho decente, educação e formação profissional até 2030.

No entanto, entendemos que a justiça social e a preservação ambiental são indissociáveis da matriz energética que move o país e, ao longo das agendas internacionais que participo, consigo observar com clareza que a nossa nação possui uma vantagem competitiva única no cenário global.

Enquanto uma fundação pautada pelo compromisso com o desenvolvimento socioeconômico do país, acreditamos que a descarbonização não deve ser uma solução importada, mas uma construção que respeite a realidade local. Nesse contexto, defendemos o uso de biocombustíveis, combinados com tecnologias automotivas, como uma solução realista e imediata para a descarbonização da mobilidade, especialmente em um

país com a competência e infraestrutura bioenergética que possuímos.

Nossa estratégia é respaldada pela ciência. Durante a COP30, apresentamos o estudo ‘The Role of Bioethanol in Sustainable Mobility, Social and Economic Development’, desenvolvido ao lado de instituições de excelência como USP, UNIFEI e o IAC. O trabalho demonstra, com dados, o papel vital do bioetanol não apenas na redução de emissões de CO2, mas como vetor de desenvolvimento socioeconômico e fortalecimento das



Roberto Braun
Presidente da Fundação Toyota do Brasil

comunidades regionais.

Segundo o estudo, um veículo convencional a gasolina emite um quilo de CO2 após rodar apenas 3,7 quilômetros. Enquanto que um veículo equipado com a tecnologia híbrida flex full movido a etanol permite percorrer 12,9 quilômetros antes de atingir a mesma marca. Na prática, essa tecnologia permite que o brasileiro viaje 3x mais longe com a mesma pegada de carbono da tecnologia convencional.

E com a atual guerra no Oriente Médio, o impacto no nosso bolso é quase imediato. Como essa região possui grandes reservas de petróleo, qualquer tensão por lá interfere no nosso dia a dia aqui. Nesses momentos de tensões mundiais, conseguimos sentir de forma mais la-

tente o quanto ainda dependemos de combustíveis fósseis.

Não é só o tanque do carro que fica mais caro, mas como quase tudo no Brasil viaja por estradas, o frete sobe e a conta acaba sobrando até para a comida que chega na nossa mesa. Portanto, o etanol não é somente uma escolha mais sustentável, é uma estratégia de soberania econômica que aproveita a força agrícola brasileira para gerar valor tecnológico e social.

Assim, convidamos todas as pessoas a se juntarem a nós neste desafio. Lado a lado, vamos apoiar a construção de um mundo onde a tecnologia e as ações de neutralidade de carbono caminhem na mesma direção, garantindo um planeta mais justo climaticamente e socialmente para as próximas gerações. ■

O estudo The Role of Bioethanol in Sustainable Mobility, Social and Economic Development é uma publicação estratégica que explora o papel do etanol como solução de baixo carbono para o transporte. O documento destaca como a produção de bioethanol é capaz de

aliar descarbonização, segurança energética e fortalecimento socioeconômico, especialmente em países em desenvolvimento. O material completo está disponível para download no site fundacaotoyotadobrasil.org.br.

PLATAFORMA DIGITAL

MOVISIS

Sua Concessionária mais ágil, mais conectada e mais rentável.

A solução completa que une clientes, equipe e processos operacionais em um único ecossistema digital, gerando relacionamentos, disciplina e redução real de custos.

OFICINA INTEGRADA

Agendamento no processo Toyota: checklist, pré-OS, Chip do mecânico e abertura de OS integrado ao DMS em tempo real.

ESTOQUE & ENTREGA

Cliente consulta estoque e acompanha a entrega do veículo novo ou seminovo com total transparência e autonomia.

LEADS & ATENDIMENTO

Chat seguro para geração e qualificação de leads, com rastreabilidade total de cada interação com o cliente.

GESTÃO FINANCEIRA

Notas fiscais, boletos e pesquisa de satisfação acessíveis no App, pelo cliente, sem burocracia e sem filas.

CAMPANHAS & CASHBACK

Crie campanhas, ofertas e programas de Bônus/Cashback para engajar e fidelizar o cliente com poucos cliques.

TUDO CONECTADO

Uma plataforma com conveniência, segurança e transparência para sua equipe e para quem mais importa: o cliente.



MOVISIS

Tecnologia para Concessionárias



www.movisis.com.br